

Plano Geral de Trabalho

*Etapas para o 4º ano de Catequese
«Tens Palavras de Vida Eterna»*

Setembro			
Encontro Introdutório			
Mês	Etapa	Tema	Tempo (datas)
	1	Somos testemunhas de Cristo	1 2 3 4
	2	A quem iremos, Senhor?	1 2 3 4
	3		1 2 3 4
	4		1 2 3 4
	5		1 2 3 4
	6		1 2 3 4
	7		1 2 3 4
	8		1 2 3 4

	9		1 2 3 4
--	---	--	------------------

2ª Etapa: «A quem iremos, Senhor?»

Semana	Pais (na paróquia)	Filhos (na paróquia)	Família (em casa)
NOVEMBRO			
1ª			«Os apóstolos ensinam-nos a viver em comunhão fraterna/ Os apóstolos ensinam-nos a (re)partir o pão » (cat. 4 e 5)
2ª	«Os Apóstolos ensinam-nos a viver em comunhão» Sugestões para o diálogo em família	Síntese do diálogo em família «Os Apóstolos ensinam-nos a viver em comunhão»	
3ª			«Os apóstolos ensinam-nos a rezar» «A quem iremos, Senhor?» (cat. 6 e 7)
4ª Domingo em família A família na família cristã vivendo o Dia do Senhor	Reunidos no amor de Cristo, os discípulos são enviados pelo Espírito Santo como mensageiros da Boa Nova da sua morte e ressurreição. Sugestões para o diálogo em família	Síntese do diálogo em família. «Os apóstolos ensinam-nos a rezar» «A quem iremos, Senhor?»	

2ª Etapa:

«A quem iremos, Senhor?»

Objetivo:

Ao longo desta etapa a família, para além de relembrar os encontros desde a primeira hora, procura:

- Aperceber-se da ação do Espírito Santo na formação e na vida da Igreja;
- Acolher o “ensino dos Apóstolos” relativamente à “Comunhão Fraterna”;
- Procurar viver do amor de Jesus, que deu a vida por todos, nas relações uns com os outros.
- Descobrir a dimensão eucarística do relato bíblico da multiplicação dos pães, realizada por Jesus;
- Aperceber-se da importância da Eucaristia para a vivência da Comunhão Fraterna;
- Empenhar-se na partilha de bens.
- Descobrir a importância, na vida do crente, da persistência na oração;
- Aperceber-se do lugar do Espírito Santo na oração;
- Comprometer-se a rezar todos os dias.
- Descobrir a força vivificante da Palavra de Deus na vida de cada um;
- Confiar-se, pela fé, a Jesus Cristo.

Leitura integrada:

No guia do Catequista «Tens Palavras de Vida Eterna», pp.105-187.

No Catecismo da Criança «Tens Palavras de Vida Eterna», pp.21-36.

1ª Semana

Diálogo em família

«Os Apóstolos ensinam-nos a viver em comunhão fraterna/Os apóstolos ensinam-nos a (re)partir o pão»

Tal como indicado na semana anterior, os pais abordam com as crianças os temas indicados para a catequese sobre «Os apóstolos ensinam-nos a viver em comunhão fraterna» e «Os apóstolos ensinam-nos a (re)partir o pão», conforme se sugere nas páginas 29 a 36 do Guia dos Pais.

2ª Semana

Na Paróquia

«Os Apóstolos ensinam-nos a viver»

I. Encontro de Pais:

«Os apóstolos ensinam-nos a repartir o pão»

EXPERIÊNCIA HUMANA

Trabalho em pequenos grupos – 20 min.

Em pequenos grupos, os pais, sobretudo os casais, partilham a sua experiência de encontro com a Palavra de Deus e a Eucaristia: Até que ponto a sua participação na caminhada catequética dos filhos tem ajudado numa melhor compreensão e atualização da Palavra de Deus? Tem sido uma ajuda para a vida concreta de cada dia? Tem ajudado a olhar de forma renovada para as situações da vida? É importante celebrar a Eucaristia na comunidade? Porquê?

REFLETINDO

Em assembleia: partilha e aprofundamento – 20 min.

Após os grupos apresentarem, em plenário, a partilha dos pais, o(a) Animador(a) abre para a reflexão sobre o tema da catequese 4:

«1. A vida que se tornou Palavra

Foi assim que a Bíblia nasceu e, durante séculos, se foi formando e crescendo, livro a livro, até aos 73 que hoje tem: a partir da vida do Povo de Deus. Ou melhor, a partir de intervenções salvíficas de Deus que deram origem ao seu Povo e o mantêm vivo ao longo da sua história já milenária.

As mais marcantes e decisivas foram as primeiras. No Antigo Testamento, a libertação da opressão a que o Povo era sujeito no Egipto, completada com a aliança realizada no Sinai. No Novo Testamento, foi a morte e ressurreição de Cristo, especialmente experimentada por aqueles a quem Ele apareceu e constituiu suas testemunhas.

Dois acontecimentos a que, por isso, se chama fundadores: do primeiro nasceu Israel; do segundo nasceu a Igreja. Mas é o mesmo Povo de Deus, só que em duas fases da sua história. O mesmo Deus que libertou Israel da devastação e da morte de que estava a ser vítima no Egipto, libertou também Jesus de Nazaré da terrível morte que o vitimou na cruz. E, num caso como no outro, manifestou-se como o Deus da vida.

Mas em Jesus de Nazaré, muito mais: a sua ressurreição não consistiu apenas no regresso à vida humana e terrena que tinha antes, mas nela Ele adquiriu uma vida sem limites de espécie alguma, a vida que, em plenitude, só Deus tem. Daí que, com a ressurreição de Cristo, o Povo de Deus tenha entrado na fase decisiva ou final da sua história: cada um dos seus membros, na medida em que se confia a este Deus que se revelou em Jesus Cristo, seu Filho único, adquire uma vida que lhe permite também vencer a morte para sempre. É Paulo quem o diz: *Se acreditamos que Jesus morreu e ressuscitou, assim também Deus reunirá com Jesus os que em Jesus adormeceram* (1 Tes 4, 14). Ou, simplesmente: *se morremos com Cristo, acreditamos que também com Ele viveremos* (Rm 6, 8).

Mas, muito antes de estas e outras palavras terem sido escritas, a mensagem que elas transmitem foi comunicada oralmente. E isto tanto no Antigo Testamento como no Novo. No primeiro caso, com a proclamação de que *YaHWeH* (o nome próprio do

nosso Deus) fez subir (ou tirou) Israel do Egipto (cf. Ex 20, 2). No Novo Testamento, com o anúncio de que *Deus ressuscitou Jesus de entre os mortos* e de que, por isso, *Jesus é Senhor* (Rm 10, 9), isto é, obteve definitivamente uma dignidade e um poder que só Deus, o Senhor, tem.

Como se vê, em ambas as mensagens é a experiência de um acontecimento que é transmitida e, assim, se torna palavra – uma palavra que atualiza, para quem a ouve, o acontecimento a que se refere, com o seu poder vivificante; sobretudo se este poder se manifesta na vida de quem a transmite, uma vida que se deve ao acontecimento anunciado.

Foi o caso de Paulo e de todos os outros Apóstolos a quem Cristo ressuscitado apareceu. Todos eles, desde então, passaram a anunciar o que estava na origem das suas próprias vidas e nelas se refletia. *Ai de mim, se não evangelizar!* – dizia Paulo (1 Cor 9, 16). O Evangelho que anunciava era o da sua própria vida. Daí que esta fosse impensável sem o anúncio daquilo de que vivia.

Foi desta Palavra, que vem de Deus e em que Deus actua, que nasceram as comunidades crentes. E foi para estas que outras Palavras foram surgindo e sendo transmitidas, primeiramente, por via oral e, posteriormente, por escrito, para que os crentes se mantivessem vivos em todos os campos da sua vida.

2. A Palavra que se torna vida

Conta-se em **Act 2, 42** como viviam os primeiros cristãos: *Eram assíduos ao ensino dos Apóstolos, à Comunhão Fraterna, à fração do pão e às orações*. A ordem em que estão delineados estes quatro sectores da vida da Igreja, não é provavelmente arbitrária. Era dos Apóstolos que os cristãos recebiam, não apenas o Evangelho da morte e ressurreição de Cristo, mas também as necessárias instruções e incentivos para viverem em *Comunhão Fraterna*, realizarem a *fração do pão* (um dos nomes mais antigos dado à celebração da Eucaristia) e se entregarem a Deus pelas *orações*.

E foi assim, neste enquadramento catequético, que foram surgindo os diversos escritos do Novo Testamento. Os quatro Evangelhos foram precedidos de uma tradição, primeiramente oral e, numa fase posterior, também por escrito. S. Lucas refere-se explicitamente a ela no prólogo do seu Evangelho: também ele se viu na necessidade de *compor uma narração dos factos que entre nós se consumaram, como no-los transmitiram os que desde o princípio foram testemunhas oculares e se tornaram servidores da Palavra* (Lc 1, 1-2).

Testemunhas oculares eram, sobretudo, os doze Apóstolos que, depois da morte e ressurreição de Cristo e enviados por Ele, se entregaram totalmente ao serviço da Palavra, pela evangelização e pela catequese.

Compreende-se assim que os mesmos acontecimentos ou ensinamentos da vida de Jesus não coincidam plenamente, nos seus pormenores ou na sua ordem cronológica e geográfica, nos Evangelhos em que estão expostos. É que todos eles foram recordados e

transmitidos em função dos destinatários a que se dirigiam. E estes variavam nas situações em que se encontravam e nos problemas com que se debatiam, nas questões que levantavam. Tudo isso condicionava a forma e até o conteúdo do que lhes era apresentado. Mas o objetivo era sempre o mesmo: encontrar naquilo que Jesus dissera e fizera uma orientação para se viver, pensar e agir de acordo com a fé, a esperança e o amor que dele se recebia.

O mesmo tinha, de resto, sucedido com os escritos do Antigo Testamento. Também neles há acontecimentos ou palavras expostas mais do que uma vez e que variam, de acordo com o contexto histórico, social e religioso em que se encontravam os destinatários. O importante era que estes se mantivessem unidos ao Deus sem o qual não podiam viver.

Se a Bíblia nasceu, portanto, da vida do Povo de Deus, ela foi igualmente escrita para se tornar viva e vivificante na vida que oferece a quem a lê ou escuta, principalmente através daquele que está no seu centro – Jesus Cristo, que continua a dizer-nos, por exemplo:

3. “Como eu fiz, fazei vós também”

O que Jesus acabava de fazer está descrito em **Jo 13, 1ss**: a lavagem dos pés aos discípulos durante a última Ceia, celebrada na véspera da Páscoa, a festa em que Deus atualizava, para o seu povo, a passagem, no Egito, da escravidão para a liberdade, da morte para a vida. Uma vida que se vai tornar definitiva com a passagem de Jesus *deste mundo para o Pai* e com o amor extremo que nela nos revela (v.1).

Repare-se como os dois acontecimentos fundadores – do Antigo Testamento e do Novo – se unem naquela hora e como, no segundo, Deus leva ao extremo o amor já manifestado no primeiro: o amor de quem dá ao mundo o seu Filho Unigénito (Jo 3, 16), que, por sua vez, se dá todo, até à última gota de *sangue e água* (Jo 19, 34).

Ao lavar os pés aos discípulos, Jesus antecipa e interpreta simbolicamente a oferta realmente realizada na cruz. Lavar os pés era um rito habitual entre os judeus, praticado imediatamente antes da refeição. Mas, só um escravo de origem pagã era obrigado a rebaixar-se assim perante os que estavam à mesa. Da parte de uma pessoa livre, neste caso do *Mestre e Senhor* (v.13s), era de todo inimaginável. Daí que o gesto choque, exija uma explicação.

E Jesus, depois de interpelado por Pedro, oferece-a, expondo, primeiro, a dimensão salvífica do gesto (vv. 7-11) e, depois, o seu efeito na prática de vida dos discípulos (vv.12-15).

Em perspetiva salvífica, o gesto aponta para a morte na cruz, também ela destinada, primariamente, a escravos – a morte em que Ele, humilhando-se assim, consoma o seu amor, dando o seu Espírito de vida (Jo 19, 30). Um amor que conquista e transforma aqueles que o acolhem, purificando-os do pecado, nomeadamente através das

celebrações sacramentais, como as do banho batismal, da refeição eucarística e da reconciliação penitencial.

É para esses que Jesus diz: *Dei-vos o exemplo para que, assim como Eu fiz, vós façais também* (13, 15). Escreve o Papa Bento XVI: “A união com Cristo é, ao mesmo tempo, união com todos os outros aos quais Ele se entrega. Eu não posso ter Cristo só para mim; posso pertencer-lhe somente unido a todos aqueles que se tornaram e tornarão seus. A comunhão (eucarística) tira-me para fora de mim mesmo, projetando-me para Ele e, deste modo, também para a união com todos os cristãos. Tornamo-nos «um só corpo», fundidos numa única existência. O amor a Deus e o amor ao próximo estão agora verdadeiramente juntos: o Deus encarnado atrai-nos todos a si” (DCE 14).

Quando isto acontece, atualiza-se, em parte, o processo de formação da Bíblia naqueles que a escutam ou leem, para dela viverem: o que Deus fez no passado em favor do seu povo e que, sobretudo pela Palavra oral e escrita, tem sido transmitido e revivido de geração em geração no seio desse mesmo povo, readquire constantemente nova vida no amor daqueles em quem essa Palavra encarna... e que assim a transmitem como *Palavra de vida eterna*. É óbvio que entre esses está, ou deve estar, todo o catequista.»

Guia do Catequista, pp. 105-108 (adaptado).

ILUMINADOS PELO EVANGELHO

Leitura bíblica e reflexão, com a possibilidade dos participantes fazerem a sua partilha – 15 min.

Lê-se *Jo 13, 1-15*:

«Antes da festa da Páscoa, Jesus, sabendo bem que tinha chegado a sua hora da passagem deste mundo para o Pai, Ele, que amara os seus que estavam no mundo, levou o seu amor por eles até ao extremo. O diabo já tinha metido no coração de Judas, filho de Simão Iscariotes, a decisão de o entregar.

Enquanto celebravam a ceia, Jesus, sabendo perfeitamente que o Pai tudo lhe pusera nas mãos, e que saíra de Deus e para Deus voltava, levantou-se da mesa, tirou o manto, tomou uma toalha e atou-a à cintura. Depois deitou água na bacia e começou a lavar os pés aos discípulos e a enxugá-los com a toalha que atara à cintura.

Chegou, pois, a Simão Pedro. Este disse-lhe: «Senhor, Tu é que me lavas os pés?» Jesus respondeu-lhe: “O que Eu estou a fazer tu não o entendes por agora, mas hás de compreendê-lo depois.” Disse-lhe Pedro: “Não! Tu nunca me hás de lavar os pés!”

Replicou-lhe Jesus: “Se Eu não te lavar, nada terás a haver comigo.” Disse-lhe, então, Simão Pedro: “Ó Senhor! Não só os pés, mas também as mãos e a cabeça!” Respondeu-lhe Jesus: “Quem tomou banho não precisa de lavar senão os pés, pois está todo limpo. E vós estais limpos, mas não todos.”

Ele bem sabia quem o ia entregar; por isso é que lhe disse: ‘Nem todos estais limpos’. Depois de lhes ter lavado os pés e de ter posto o manto, voltou a sentar-se à mesa e disse-lhes: “Compreendeis o que vos fiz? Vós chamais-me ‘o Mestre’ e ‘o Senhor’, e

dizeis bem, porque o sou. Ora, se Eu, o Senhor e o Mestre, vos lavei os pés, também vós deveis lavar os pés uns aos outros. Na verdade, dei-vos exemplo para que, assim como Eu fiz, vós façais também.”»

O Animador introduz:

Com a leitura deste texto, ficamos sempre sensibilizados com o facto de Pedro não querer que Jesus lhe lave os pés. Pedro estava preocupado com o que era próprio, com o que era convencional, diríamos nós, hoje. Jesus é o Senhor e o Mestre e, naquele tempo, uma tarefa daquelas era própria dos escravos, que não tinham nenhuns direitos de cidadania. Por isso é que S. Pedro não queria, de maneira nenhuma, que Jesus, o Senhor e Mestre, lhe lavasse os pés. Impensável!

Mas Jesus altera a perspetiva de Pedro quando, ao ajoelhar-se diante dele, lhe diz que se não lhe lavasse os pés, Pedro não teria parte com Ele, não estaria em condições de ser seu amigo. Então, Pedro mostra que tudo aceitará para manter essa amizade.

Isso não significa que Pedro tenha entendido completamente o gesto de Jesus. O próprio Jesus afirma “O que Eu estou a fazer tu não o entendes por agora, mas hás de compreendê-lo depois.” De facto, só quando Jesus é crucificado é que Pedro e os Apóstolos compreendem a lição que Jesus lhes deu. É que a morte de cruz a que Jesus se sujeita é uma grande indignidade, também reservada para os escravos ou os grandes criminosos. Portanto, Jesus foi tratado como um escravo ou um malfeitor. Mas é na cruz que Jesus mostra aquilo que já estava presente no lava-pés: «*Amou-os até ao fim*». Dar a vida por aqueles que se ama, é o máximo no amor. E Jesus conclui com uma proposta: «dei-vos exemplo para que, assim como Eu fiz, vós façais também.»

Foi uma lição de amor e de serviço. Deste modo, Jesus manifesta que a missão do Mestre é servir e não ser servido, missão que os seus discípulos hão de imitar. O maior de todos os seus serviços foi o de dar a vida pelos homens.

Por isso o Evangelho de João pode colocar este gesto do lava-pés, com toda a sua densidade, onde os outros evangelistas nos apresentam a instituição da Eucaristia... É a mesma entrega de Jesus por nós, o mesmo amor até ao fim, o mesmo exemplo que fica como referência para que a nossa vida seja também eucaristia... Como Pedro, mesmo sem tudo compreender plenamente, estamos dispostos a acolher a amizade de Jesus na Eucaristia?

Depois de os pais se pronunciarem, o Animador pode sugerir alguma expressão de fé que suponha um maior compromisso com a Eucaristia, findo o qual sugere como leitura e reflexão para casa Mt 14, 13-21:

«Jesus retirou-se dali sozinho num barco, para um lugar deserto; mas o povo, quando soube, seguiu-o a pé, desde as cidades. Ao desembarcar, Jesus viu uma grande multidão e, cheio de misericórdia para com ela, curou os seus enfermos. Ao entardecer, os

discípulos aproximaram-se dele e disseram-lhe: “Este sítio é deserto e a hora já vai avançada. Manda embora a multidão, para que possa ir às aldeias comprar alimento.” Mas Jesus disse-lhes: “Não é preciso que eles vão; dai-lhes vós mesmos de comer.” Responderam: “Não temos aqui senão cinco pães e dois peixes.” “Trazei-mos cá” - disse Ele.

E, depois de ordenar à multidão que se sentasse na relva, tomou os cinco pães e os dois peixes, ergueu os olhos ao céu e pronunciou a bênção; partiu, depois, os pães e deu-os aos discípulos, e estes distribuíram-nos pela multidão. Todos comeram e ficaram saciados; e, com o que sobejou, encheram doze cestos. Ora, os que comeram eram uns cinco mil homens, sem contar mulheres e crianças.»

O Animador fornece pistas para a reflexão em casa, o que pode acontecer através de uma exposição ou entregando aos pais o seguinte texto:

«1. A fração do pão

Não se trata de uma (por vezes mínima) parte de um todo, um fragmento ou uma migalha. Fração significa, aqui e originariamente, o ato de partir. Partimos o pão, com um instrumento cortante ou, simplesmente, com as mãos, para facilitar o seu consumo. Um gesto habitual e, aparentemente, banal. Será?

Visto bem, o pão é muito mais do que a matéria de que é composto: a farinha amassada e cozida. Entre nós e em muitos outros povos, continua a ser o alimento mais comum. Poucas são as refeições sem pão. Daí que se chame pão a outros meios de subsistência, ao sustento diário, a toda a alimentação. E que sem tudo isso não podemos viver, é óbvio.

Mas todo esse pão é também fruto de vidas: a daqueles que mais directamente contribuem para a sua produção – e são tantos, desde a sementeira dos cereais à cozedura da farinha – e a daqueles que se empenham, sacrificam e gastam para o ganhar. Talvez seja, também por isso, que o pão é tão saboroso – como saborosos são os laços de comunhão que se criam e fortalecem entre aqueles que o consomem à volta da mesma mesa.

Não admira, por isso, que, em determinadas sociedades e desde tempos que se perdem na história da humanidade, o pão tenha sido associado ao Transcendente do qual os humanos recebem, ou pensam receber, a vida. É o mistério da vida que nos preocupa e ultrapassa. Ainda hoje bendizemos o Senhor pela chuva que envia do céu, para fazer *germinar a erva para o gado e as plantas para uso do homem, para que tire o pão da terra...o pão que lhe restaura as forças* (Sl 103/104, 13-15).

E assim se compreende também a riqueza simbólica que, entre os judeus, adquiriu, não se sabe desde quando, o gesto de partir o pão, realizado pelo chefe de família no princípio das refeições, sobretudo festivas. Um gesto precedido de uma oração de

louvor, semelhante àquela que hoje é proferida na apresentação dos dons das nossas celebrações eucarísticas: uma bênção ou benção ao Deus, Senhor do Universo, pelo pão d'Ele recebido, como fruto da terra e do trabalho do homem, e que assim se tornava pão abençoado, isto é, fonte de novas bênçãos. Uma espécie de “Pão por Deus” que, vindo d'Ele e a Ele oferecido, transmitia, já então, muito mais vida a quem dele se alimentava. O vigor corporal por ele adquirido ou reforçado passava, necessariamente, a ser partilhado, dentro e fora da refeição.

E foi por esta via que a fração do pão entre os Judeus adquiriu um novo significado entre nós cristãos, com:

2. A Fração do Pão eucarístico

Este é, segundo o Catecismo da Igreja Católica (1328-1329), um dos muitos nomes dados a este Sacramento, cada qual evocativo de “um dos seus aspectos” e, no seu conjunto, um sinal da sua “riqueza inesgotável”.

Chama-se “Fração do Pão, porque este rito, próprio da refeição dos judeus, foi realizado por Jesus quando abençoava e distribuía o pão como chefe de família (cf. Mt 14, 19; 15, 36; Mc 8, 6.19), sobretudo aquando da última Ceia (cf. Mt 26, 26; 1 Cor 11, 24). É por este gesto que os discípulos O reconhecerão depois da sua ressurreição (cf. Lc 24, 13-35) e é com esta expressão que os primeiros cristãos designarão as suas assembleias eucarísticas (cf. Act 2, 42.46; 20, 7.11). Querem com isso significar que todos os que comem do único pão partido, Cristo, entram em comunhão com Ele e formam um só corpo n'Ele (cf. 1 Cor 10, 16-17)”.

O novo significado e o correspondente poder salvífico devem-se a quem o realiza e, no caso da última Ceia, ao momento em que o realiza. Assim, a bênção pronunciada por Jesus – já de si expressiva de uma profunda comunhão com Deus, de quem, por isso, se diz bem pelos bens por Ele oferecidos – esta bênção, ao ser dita *na noite em que era entregue* (1 Cor 11, 23), ficou não apenas associada à sua morte, em que se entregou total e definitivamente ao Pai (Lc 23, 46), mas tornou-se, juntamente com a fração do pão que se seguiu e as palavras que o acompanhavam, o meio mais eficaz para atualizar os efeitos salvíficos dessa morte, em todos os tempos e lugares em que o gesto volta a repetir-se em sua *memória* (Lc 22, 19; 1 Cor 11, 24.25). O Corpo que Cristo nos dá no pão eucarístico é o que Ele ofereceu na cruz, na qual – como Ele acrescenta em relação ao cálice – derramou o seu sangue *por todos, para remissão dos pecados* (Mt 26, 28). E é, ao mesmo tempo, o Corpo com que triunfou sobre a morte pela sua ressurreição.

Aquilo, portanto, que o pão abençoado e (re)partido já era – como produto e produtor de vida que nos vem de Deus – passa, na Eucaristia (a “ação de graças” por excelência) – a sê-lo numa dimensão infinita, na vida daqueles que o comungam. É ele que os capacita para aquela Comunhão Fraterna que se exprime na partilha – entre si e, principalmente, com os mais carenciados – das suas vidas e de todos os bens de que vivem. Os crentes que, segundo Act 2, 44-46, *viviam unidos e possuíam tudo em comum, vendiam terras e outros bens e distribuíam o dinheiro por todos, de acordo*

com as necessidades de cada um, eram os mesmos que partiam o pão em suas casas e tomavam alimento com alegria e simplicidade de coração. Um exemplo e um desafio para:

3. A fração do nosso pão

De todos os milagres realizados por Jesus, o mais referido em todo o Novo Testamento é o da multiplicação dos pães: 6 vezes (Mt 14, 13-21; 15, 32-38; Mc 6, 34-44; 8, 1-9; Lc 9, 10-17; Jo 6, 1-17). Pelo facto de Mt e Mc apresentarem duas descrições, chegou a pensar-se que teriam sido dois milagres diferentes. Mas, comparando atentamente os dois textos, vê-se facilmente que se trata do mesmo acontecimento, transmitido e exposto em contextos diferentes: um dirigido a cristãos de língua e cultura judaicas (Mt 14, 13-21; Mc 6, 34-44) e o outro a cristãos de língua e cultura helenística (Mt 15, 32-38; Mc 8, 1-9).

Estamos, portanto, diante de um acontecimento de particular importância para os primeiros cristãos. E se eles o não podiam e deviam perder de vista, deve-se principalmente à relação que eles viam entre este milagre e a última Ceia de Jesus e, conseqüentemente, a Eucaristia. Em todos os seis textos, nuns mais do que noutros, isso é claro.

Veja-se, por exemplo, o de **Mt 14, 13-21**, comparando-o com o de Mt 26, 26-29, este sobre a última Ceia: ambos os acontecimentos se iniciam *ao entardecer* (14, 15; 26, 20); nos dois, Jesus *tomou* os pães ou o pão, *pronunciou a bênção, partiu-o(s) e deu-o(s) aos discípulos* (14, 19; 26, 26). E se, na multiplicação dos pães, não se fala na distribuição dos peixes e no que deles sobejou, deve-se provavelmente ao facto de isso não fazer parte (habitual) da celebração eucarística.

Chama ainda a atenção o papel atribuído aos discípulos: não só na distribuição dos pães (e, pressupostamente, na recolha dos restos), como também no número de 12 cestos e, principalmente e a preceder tudo isso, no desafio que Jesus, depois de eles constatarem a falta de alimentos para saciar a fome de tanta gente, lhes lançou: *Não é preciso que eles vão embora; dai-lhes vós mesmos de comer* (14, 16).

E deram, ficando até em condições de continuarem a dar. Os doze cestos que sobejaram são de associar com a plenitude do povo de Deus: as doze tribos de Israel a que correspondem os doze Apóstolos, sobre os quais está fundada a Igreja (Ap 21, 14; Ef 2, 20), que, por sua vez, vive da Fração do Pão, realizada por Jesus na última Ceia e na cruz.

Quer tudo isto dizer que a multiplicação dos pães passou a realizar-se na Eucaristia que perpetua o amor extremo de Cristo já manifestado no modo extraordinário como saciou a multidão faminta e naquele, muito mais extraordinário, com que se partiu e repartiu na definitiva oferta da vida ao Pai por toda a humanidade, para se tornar o pão que nos sacia e fortalece – para partirmos e repartirmos o nosso pão de cada dia, conforme pedimos na oração que Ele nos deixou.

É caso para dizer: felizes os que o fazem, depois de convidados para a Ceia do Senhor!
E felizes os que participam do pão e da vida que lhes damos – como são, por exemplo,
os catequizandos que de nós se aproximam, na busca do “pão do teu amor, Senhor”!»

Guia do Catequista, pp. 121-123.

Segue-se um momento de oração, cantado:

**“Se vos amardes uns aos outros,
Deus permanece em vós. (2x)**

1. É este o meu mandamento:
Amai-vos como Eu vos amei.

2. Não há maior prova de amor
Do que dar a vida pelos amigos.

3. Vós sereis meus amigos
Se fizerdes o que vos mando.

4. Amai os vossos inimigos
E orai pelos que vos perseguem.

5. Não julgueis e não sereis julgados,
Perdoai e sereis perdoados.

6. Nós sabemos que passámos da morte à vida,
Porque nos amamos como irmãos.

7. Já não vos chamo servos, mas amigos,
Porque vos ensinei tudo o que ouvi de Meu Pai.

8. Vede como é grande o amor de Deus para connosco:
Chamamo-nos e somos filhos de Deus.

9. Vinde benditos de Meu Pai,
Entrai na alegria do Meu Reino.

10. Tive fome e deste-Me de comer,
Tive sede e deste-Me de beber.

11. Era peregrino e vós Me acolhestes,
Não tinha roupa e deste-Me de vestir.

12. Estava doente e visitastes-Me,
Estava preso e fostes ver-Me.

No final, o(a) Animador(a) dedica algum tempo para dar sugestões aos pais sobre o *Diálogo em Família* na semana seguinte, seguindo o *Guia dos Pais*, pp. 37-47.

Depois, os pais reúnem-se com os filhos para prepararem o **ofertório da eucaristia**, explicando-se às crianças, de forma breve e apropriada:

« A iniciar a liturgia eucarística, levam-se para o altar os dons, que se vão converter no Corpo e Sangue de Cristo. Em primeiro lugar prepara-se o altar ou mesa do Senhor, que é o centro de toda a liturgia eucarística; nele se dispõem o corporal, o purificador (ou sanguinho), o Missal e o cálice (...)

Em seguida são trazidas as oferendas. É de louvar que o pão e o vinho sejam apresentados pelos fiéis. Recebidos pelo sacerdote ou pelo diácono em lugar conveniente, são depois levados para o altar. Embora, hoje em dia, os fiéis já não tragam do seu próprio pão e vinho, como se fazia noutros tempos, no entanto o rito desta apresentação conserva ainda valor e significado espiritual.

Além do pão e do vinho, são permitidas ofertas em dinheiro e outros dons, destinados aos pobres ou à Igreja, e tanto podem ser trazidos pelos fiéis como recolhidos dentro da Igreja. Estes dons serão dispostos em lugar conveniente, fora da mesa eucarística.»

Instrução Geral do Missal Romano, 73.

II. Catequese das crianças:

«Os Apóstolos ensinam-nos a viver em comunhão fraterna»/« Os Apóstolos ensinam-nos a (re)partir o pão»

O(a) Catequista, depois do acolhimento adequado, começa por provocar as crianças a partilharem o que aconteceu no *Diálogo em Família*, assim como a mostrarem e explicarem o trabalho realizado nas folhas «A Palavra de Deus na minha Vida».

Em seguida, o(a) Catequista introduz a Palavra relativa às catequese, 4 e 5 «Os Apóstolos ensinam-nos a viver em comunhão fraterna» e «Os Apóstolos ensinam-nos a (re)partir o pão» (*Guia do Catequista*, pp.105-135). **Jó 13, 1-15** pode ser relatado pelo catequista. Depois de explicado o episódio do Lava pés, como se indica, com a ajuda das imagens do catecismo, e recuperando também o que as crianças dialogaram em casa, procede-se à leitura de **Mt 14, 13-21** e à reconstrução da sua explicação, mais uma vez com a ajuda das imagens do catecismo e as atividades propostas.

A Expressão de Fé pode seguir o percurso proposto na catequese 4 e concluir-se, adaptando, com a proposta da catequese 5.

3ª Semana

Diálogo em Família

«Os Apóstolos ensinam-nos a rezar»/«A quem iremos, Senhor?»

Acompanhar a explicação com a apresentação do Guia dos Pais nas páginas 37 a 47.

Em casa, os pais vão ajudar as crianças a compreender o valor da oração e os «valores» com que devemos praticá-la, para dela receber a maior ajuda: rezar bem, com constância e persistência, e aprender a rezar com a Bíblia. Depois, compreender que, na Bíblia, Jesus Cristo está sempre presente e que, ao escutarmos as suas palavras, dispomo-nos a viver com Ele e como Ele ensinou, pois só Ele tem Palavras de Vida Eterna!

4ª Semana

Domingo em Família

Este encontro acontece na paróquia antes da Eucaristia. Simultaneamente, os pais e os filhos têm os seus encontros e preparam-se para participar de uma forma mais ativa (porque toda a participação deve ser ativa) na celebração eucarística da comunidade.

I. Encontro de Pais:

«Os Apóstolos ensinam-nos a rezar»/«A quem iremos, Senhor?»

No encontro dos pais, o(a) Animador(a) tendo presente que estes abordarão com os filhos, em casa, as catequese 6 e 7 do *Catecismo da criança*, «Os Apóstolos ensinam-nos a rezar» e «A quem iremos, Senhor?» (pp.29 a 40), introduz as temáticas.

EXPERIÊNCIA HUMANA

Trabalho em pequenos grupos – 20 min.

Depois do acolhimento inicial, os pais, em pequenos grupos, refletem partindo do seguinte texto, que lhes é entregue fotocopiado:

“Coloco ao Papa uma última pergunta sobre o seu modo preferido de rezar.

«Rezo com o Ofício todas as manhãs. Gosto de rezar com os Salmos. Depois, a seguir celebro Missa. Rezo o Rosário. O que verdadeiramente prefiro é a Adoração vespertina, mesmo quando me distraio e penso noutra coisa ou mesmo quando adormeço rezando. Assim, à tarde, entre as sete e as oito, estou diante do Santíssimo, em adoração. Mas também rezo mentalmente quando espero no dentista ou noutros momentos do dia». «E a oração é para mim uma oração “memoriosa”, cheia de memória, de recordações,

também memória da minha história ou daquilo que o Senhor fez na sua Igreja ou numa paróquia particular. Para mim é a memória de que Santo Inácio fala na Primeira Semana dos *Exercícios*, no encontro misericordioso com Cristo Crucificado. E pergunto-me: “Que fiz por Cristo? Que faço por Cristo? Que farei por Cristo?” É a memória de que fala Inácio também na *Contemplatio ad amorem*, quando pede para trazer à memória os benefícios recebidos. Mas, sobretudo, eu sei também que o Senhor tem memória de mim. Eu posso esquecer-me d’Ele, mas sei que Ele nunca, nunca, se esquece de mim. A memória funda radicalmente o coração de um jesuíta: é a memória da graça, a memória de que se fala no *Deuteronomio*, a memória das obras de Deus que estão na base da aliança entre Deus e o seu povo. É esta memória que me faz filho e me faz ser também pai».”

Entrevista do Papa Francisco a Antonio Spadaro S.J., *La Civiltà Cattolica*, Agosto/Setembro 2013.

Entrevista completa em <http://www.broteria.pt/component/content/article/101-entrevista-exclusiva-do-papa-francisco-as-revistas-dos-jesuitas?showall=1>

Questões para a reflexão: O Papa Francisco fala de diversos modos de oração na sua experiência pessoal... E para nós, quais são os nossos modos habituais de orar? Qual a importância da oração na nossa caminhada de fé? Como ajudamos os nossos filhos a rezar?

REFLETINDO

Em assembleia: partilha e aprofundamento – 25 min.

Depois da partilha em plenário, o(a) Animador(a) leva os pais a aprofundar a experiência crente de dialogar com o Pai e de como é preciso aprender a rezar melhor para da oração retirar todo o seu fruto:

«1. A paz da oração

Possivelmente, quem lê estas linhas já a experimentou. Se não, saberá certamente de outras pessoas que tiveram, ou têm, a dita de a experimentar: uma paz profunda, talvez mesmo humanamente indescritível, obtida durante e/ou após momentos de oração mais ou menos intensa.

Paz, naquele sentido abrangente que o termo tem na tradição bíblica: de harmonia consigo próprio, com os outros, com a natureza e, como fonte e fundamento de todas estas relações, harmonia com Deus. Paz, porventura no meio das contrariedades que a vida se encarrega de nos trazer, para as vencermos. Nem que essa vitória se limite à energia e sabedoria que Deus, pela união entre Ele e nós, nos dá, para convivermos com essas contrariedades, integrando-as na nossa vida e, como tantas vezes acontece, fazendo delas ocasião e fonte de mais vida.

Que o digam, por exemplo, tantos doentes que, precisamente nos seus sofrimentos e nas consequentes limitações em que se vêem, transmitem uma força de espírito que chega a

espantar as pessoas que com eles convivem e, naturalmente, as interroga. Aplicam-se a eles as célebres palavras de Paulo: *Quando sou fraco, então é que sou forte* (2 Cor 12, 10). Uma exclamação, também ela, proferida após uma oração intensa, dirigida a Cristo, a pedir-lhe que o libertasse do *espinho na carne*, uma doença que terrivelmente o atormentava e, em parte, o impedia de se entregar ao seu ministério apostólico: *Basta-te a minha graça* – respondeu-lhe o Senhor – *porque é na fraqueza que a força se manifesta plenamente* (12, 9) – a força que vem de Deus e se revelou de um modo inexcedível em seu Filho Jesus Cristo, no momento de maior fraqueza durante a sua existência terrena: a morte na cruz que Ele venceu, para sempre, pela ressurreição... e, também Ele, após uma oração particularmente intensa no Jardim das Oliveiras e no patíbulo da cruz (cf. Mc 14, 36; 15, 34; Lc 23, 46).

Mas, será automático este benefício da oração? Que dizer àquelas pessoas que se queixam de que Deus não as ouve? E que, por isso, deixam simplesmente de rezar? E são tantas!

Possivelmente, muitas delas só acordam para a oração, quando se veem em apuros. Que o façam nessas alturas, não tem mal nenhum. Muitas outras, nem então o fazem. O problema está no “só”... e, se calhar, na intenção e finalidade com que o fazem, embora sobre isso não seja fácil ajuizar, até pelos próprios. De qualquer modo, devem interrogar-se, essas pessoas e todas as outras, mesmo as que habitualmente rezam, seja qual for a circunstância de vida em que se encontrem: será que eu procuro a Deus, para O servir ou para me servir d’Ele? A paz que n’Ele e d’Ele procuro, será apenas para meu “consumo” pessoal?

2. A oração bem feita

S. Lucas, que na sua obra (Evangelho e Atos dos Apóstolos) dá um especial relevo à oração de Jesus e dos seus discípulos, apresenta, no que a estes diz respeito, três belas parábolas sobre o tema: a do amigo importuno (Lc 11, 5-11), a do juiz iníquo e a pobre viúva (18, 1-8) e a do fariseu e o publicano (18, 9-14).

A primeira – **Lc 11, 5-11** – faz ainda parte da resposta aos discípulos que haviam pedido a Jesus, imediatamente após terem-no visto em oração: *Senhor, ensina-nos a rezar*. Depois de lhes oferecer o Pai Nosso (11, 2-4) como síntese, no conteúdo e na atitude que exige, da sua mensagem do Reino de Deus e, conseqüentemente, como modelo de toda a oração do cristão, logo a seguir insiste numa das características dessa oração: a persistência.

Baseia-se para isso no código da amizade: entre verdadeiros amigos não há limites, nem de tempo nem de espaço. Mais: por um amigo, que não seja apenas “amigo da onça”, eu até faço ou tento fazer aquilo que, à primeira vista e humanamente, me parece impossível. Transcendo-me... quantas vezes socorrendo-me do Transcendente, o Deus a quem tudo é possível, como diz Jesus – sintomaticamente a propósito do homem rico, incapaz de se desfazer dos seus bens em favor dos pobres (18, 18-27).

Se a este Deus tudo é possível, também o é a quem, pela fé a Ele se confia e d'Ele passa a viver. *Tende fé em Deus* – pede-nos Jesus. E acrescenta: *Em verdade vos digo, se alguém disser a este monte: «Tira-te daí e lança-te ao mar», e não vacilar em seu coração, mas acreditar que o que diz se vai realizar, assim acontecerá. Por isso vos digo: tudo quanto pedirdes na oração, crede que já o recebestes e haveis de obtê-lo* (Mc 11, 22-24). Repare-se na contradição, pelo menos aparente: se já o recebestes, como pode Jesus acrescentar: ainda *haveis de recebê-lo?*

É que, sendo, ou devendo ser, toda a oração um ato de fé – *a oração da fé*, como se lhe chama em Tg 5, 15 – é primariamente essa fé que cresce e se fortalece com a oração e, com isso, a perseverança. “Não te aflijas, se não recebes logo de Deus o que lhe pedes: é que Ele quer beneficiar-te ainda mais pela tua perseverança em permanecer com Ele na oração” – escreveu Evágrio do Ponto (séc IV d.C.). E S. Agostinho junta: Deus quer “que o nosso desejo se exercite na oração dilatando-nos, de modo a termos capacidade para recebermos o que Ele prepara para nos dar” (citações em CIC 2737).

E o que Ele nos dá tem de ser sempre pedido e recebido como Ele no-lo dá: no amor e para o amor. Por isso, “oração e vida cristã são inseparáveis, porque se trata do mesmo amor e da mesma renúncia que procede do amor; da mesma conformidade filial e amorosa com o desígnio de amor do Pai; da mesma união transformante no Espírito Santo que nos conforma sempre mais com Cristo Jesus; do mesmo amor para com todos os homens, desse amor com que Cristo nos amou” (CIC 2745).

É o que o próprio Jesus nos diz, depois da parábola do amigo importuno e de alargar o código da amizade, em que se baseia, ao da paternidade: *Se vós, que sois maus, sabeis dar coisas boas aos vossos filhos, quanto mais o Pai do Céu dará o Espírito Santo àqueles que lho pedem* (Lc 11, 13). O mesmo Espírito Santo que nos leva a pedir ao Pai *o pão de cada dia*, leva-nos também a partilhar o mesmo pão com quem dele necessita e que Deus, por isso, privilegia no seu amor.

Trata-se de um diálogo e intercâmbio de amor em que este tem um lugar especial:

3. A oração com a Bíblia

Além de estar recheada de orações, a Bíblia, como Palavra de Deus, oferece-nos as palavras ideais para a Ele nos dirigirmos: as palavras que Ele próprio coloca nos nossos lábios e brotam do nosso coração, se nele as escutarmos e interiorizarmos.

Vejamos como isso pode acontecer através da chamada *Lectio divina*. A mensagem do Sínodo dos Bispos ao Povo de Deus (Roma, 5-26.10.2008) define-a (no nº 9) como “*leitura orante no Espírito Santo, capaz de abrir ao crente o tesouro da Palavra de Deus, mas também de criar o encontro com Cristo, Palavra divina viva.*” E apresenta, de seguida, os principais passos em que decorre:

– “*A Lectio divina abre com a leitura (lectio) do texto, que provoca uma pergunta relativa ao conhecimento autêntico do seu conteúdo real: o que diz o texto bíblico em si?*”

Para sabermos ao certo “o que o texto bíblico diz em si”, podemos servir-nos de um comentário. Por vezes, bastam as notas explicativas que uma boa tradução da Bíblia apresenta. Leiam-se atentamente, para que se evite o que, infelizmente, muitas vezes acontece: ver no texto o que ele realmente não diz. E isso significa, no mínimo, uma falta de respeito para com Deus, para com o que Ele realmente disse e/ou fez no passado em que o texto foi escrito.

– “Segue-se a meditação (*meditatio*), na qual a pergunta é: *que nos diz o texto bíblico a nós?*”

As circunstâncias em que o texto bíblico surgiu no passado são, muitas vezes, semelhantes às dos nossos dias. E é importante que cada leitor ou ouvinte se deixe interpelar, nas tão vastas e variadas condições em que se encontra – ele e os que fazem parte da sua vida.

– “Desta forma chega-se à oração (*oratio*), que supõe esta pergunta: *que dizemos nós ao Senhor, em resposta à sua Palavra?*”

A resposta pode ser formulada por palavras de quem responde, mas também por expressões já feitas ou por palavras tiradas da Bíblia (por exemplo, dos Salmos) ou até do texto escutado. Neste caso, repetimos para Deus o que Ele acaba de nos dizer.

– “E conclui-se com a contemplação (*contemplatio*), durante a qual assumimos como dom de Deus o seu próprio olhar para julgar a realidade e perguntamos: *que conversão da mente, do coração e da vida nos pede o Senhor?*”

É um passo que nos leva à prática de vida. Uma prática motivada e/ou fortalecida pelo próprio Deus que passa a pensar, a sentir e a atuar em nós e, por meio de nós, no mundo em que vivemos.

Pode encontrar-se, no desenvolvimento de cada catequese, nomeadamente deste catecismo, a aplicação deste método de leitura orante dos textos bíblicos nele proclamados: sobretudo na Palavra (o 1º e o 2º passo) e na Expressão de Fé (o 3º e o 4º passo).»

Guia do Catequista, pp.137 - 140.

ILUMINADOS PELO EVANGELHO

Leitura bíblica e reflexão, com a possibilidade dos participantes fazerem a sua partilha – 10 min – *Lectio Divina*

O animador recorda que, no início do capítulo 11 do seu Evangelho, S.Lucas conta como Jesus, a pedido dos Apóstolos, os ensina a rezar com o Pai-Nosso. Depois, Jesus conta-lhes a seguinte parábola sobre o valor da oração:

Lê-se ***Lc 11, 5-13***:

«Disse-lhes ainda: “Se algum de vós tiver um amigo e for ter com ele a meio da noite e lhe disser: ‘Amigo, empresta-me três pães, pois um amigo meu chegou agora de viagem e não tenho nada para lhe oferecer’, e se ele lhe responder lá de dentro: ‘Não me incomodes, a porta está fechada, eu e os meus filhos estamos deitados; não posso levantar-me para tos dar’. Eu vos digo: embora não se levante para lhos dar por ser seu amigo, ao menos, levantar-se-á, devido à impertinência dele, e dar-lhe-á tudo quanto precisar.” “Digo-vos, pois: Pedi e ser-vos-á dado; procurai e achareis; batei e abrir-se-vos-á; porque todo aquele que pede, recebe; quem procura, encontra, e ao que bate, abrir-se-á.” “Qual o pai de entre vós que, se o filho lhe pedir pão, lhe dará uma pedra? Ou, se lhe pedir um peixe, lhe dará uma serpente? Ou, se lhe pedir um ovo, lhe dará um escorpião? Pois se vós, que sois maus, sabeis dar coisas boas aos vossos filhos, quanto mais o Pai do Céu dará o Espírito Santo àqueles que lho pedem!”»

1. O que diz o texto bíblico em si?

Jesus, logo no início da parábola, coloca o acento na relação entre os personagens: são amigos. Ora, como Jesus vai indicando, os amigos são para as ocasiões, mostram que o são. E que, se alguém necessita de ajuda e insistir, pedindo-a a um amigo, este, «devido à impertinência dele, dar-lhe-á tudo o que ele precisar». Jesus explica, pois, como é legítimo «pedir» para quem precisa...«chegou agora de viagem e não tinha nada». O amigo a quem se deve pedir é Deus, que Jesus nos recorda ser o Pai do Céu, um Pai que não abandona os filhos, antes os escuta e acolhe. Mas a pedagogia de Jesus vai mais longe, e ensina-nos a pedir o Espírito Santo, que tanto bem fez aos Apóstolos e a todos os cristãos. É o Espírito Santo que nos leva a vivermos em comunhão de irmãos. É o Espírito Santo que nos leva a partir e repartir o nosso pão. É o Espírito Santo que nos ajuda a rezar todos os dias e a pedir a Deus o que realmente é bom para nós e para todas as pessoas que precisam de Deus e de nós.

Pedimos a Deus a ajuda do Espírito Santo porque é Ele que nos faz ser cristãos maduros e convictos.

2. O que nos diz o texto bíblico a nós?

Durante um breve momento de silêncio, cada um é convidado a reler o texto a partir desta questão: **o que me diz a mim este texto?**

O Animador convida a um breve momento de partilha...

3. O que dizemos nós ao Senhor, em resposta à sua Palavra?

O Animador convida a um breve momento de partilha...

4. Que conversão da mente, do coração e da vida nos pede o Senhor?

A partir desta Palavra, o que é que o Senhor hoje nos pede? (O Animador dá um breve tempo de silêncio para que cada um possa meditar ou, eventualmente, também pode distribuir uma folha “A Palavra de Deus na minha Vida” a cada um dos presentes para que estes possam formular individualmente/em casal o seu propósito.)

Este momento poderá concluir com o cântico «Enviai sobre nós Senhor» (Guia do Catequista, p. 579) ou uma oração em comum pedindo o Espírito Santo: *Vinde Espírito Santo, enchei os corações...*

Depois o Animador continua apresentando a reflexão sobre o último tema:

«1. O dom da palavra

Diz-se habitualmente de quem fala bem (no que diz e na forma como o diz): que possui o dom da palavra. E, por isso, essa pessoa é escutada com maior apreço e com melhores resultados, principalmente para quem a atende. Quem não gosta de ouvir a pessoa com esse dom? Trata-se, portanto, de uma aptidão, muitas vezes inata, mas que se pode tornar meritória pelo esforço que se despence em melhorá-la. Uma aprendizagem e/ou aperfeiçoamento a que se dá cada vez mais importância, dado o poder vivificante da palavra. Repare-se como têm aumentado e melhorado os meios e as técnicas da comunicação e como têm contribuído para a globalização com todos os seus efeitos benéficos (apesar dos maléficis, devido à perversão a que tudo está sujeito).

Mas a expressão “dom da palavra” poder-se-ia também entender a partir do sentido, talvez mais original, que tem o termo “dom”: a ação de passar a outrem a posse e o usufruto de alguma coisa, sem nada receber em troca, ou, simplesmente, a dádiva, o presente. A pessoa que se comunica dá e dá-se, naquilo que comunica. Ainda que seja recompensada por isso, não faz depender a doação daquilo que recebe. Não fala ou escreve, primariamente, para ser paga por isso, monetariamente ou por outros meios; mas, até aquilo que eventualmente recebe, é usado, direta ou indiretamente, para se dar mais. E dá-se, predominantemente, pelo bem que assim pode fazer àqueles a quem se dá: pela vida que neles suscita ou revigora.

Neste caso, a palavra que dá e em que se dá, é normalmente muito mais bem acolhida. Ainda que o orador ou escritor não tenha, naquela perfeição mais desejada e apreciada, o dom da palavra, no sentido habitual da expressão. A credibilidade e aceitação do que se escuta ou lê dependem, sobretudo, de quem o comunica: da sua autoridade, credenciada e reconhecida. Que o digam, por exemplo, tantos catequistas ou, de preferência, os seus catequizandos.

Mas, quererá isto dizer que os bons comunicadores podem dispensar um estudo atento da mensagem que têm de transmitir e dos processos literários e pedagógicos para bem a comunicar? Seria outro extremo. E como os extremos muitas vezes se tocam, o efeito poderá ser desastroso. Falar bem, mas sem conteúdo, pode começar por encantar, mas não educa e acaba por aborrecer. Para mais, tratando-se de uma mensagem, como a cristã, que exige TUDO de quem a transmite: que a conheça bem; e, à medida que a vai conhecendo, a realize e manifeste em todos os âmbitos da sua vida.

Sendo uma palavra de amor, só será acolhida, se quem a comunica, o fizer no amor. E quem ama verdadeiramente, dá-se todo por aqueles que ama. Pelo menos esforça-se por isso, sempre e com todos os seus meios.

E olha permanentemente para Aquele que está no centro dessa mensagem: Jesus Cristo, que antes a transmitiu, vivendo-a, e assim se tornou modelo para todos os mensageiros cristãos, designadamente ao dizer-lhes:

2. “As palavras que vos disse são espírito e são vida”

Esta afirmação faz parte da resposta de Jesus ao modo como muitos dos seus discípulos reagiram às palavras que proferiu a seguir ao milagre da multiplicação dos pães – **Jo 6, 60-71**. Palavras duras, segundo esses discípulos, e que os levavam a murmurar, como antes haviam feito alguns judeus, e provavelmente pelas mesmas razões: não compreendiam que o filho de José, de quem nós conhecemos o pai e a mãe, se atreva a dizer: Eu descí do Céu (6, 42); como não entendem, depois, que Ele possa dar-nos a sua carne a comer (6, 52). Trata-se dos mistérios da encarnação e da crucificação. Que o Filho Unigénito de Deus, e com Ele o próprio Deus, pudesse descer tão baixo, até se tornar uma simples criatura e, pior ainda, assumir a condição mais ignominiosa e desumana de um crucificado e, como tal, amaldiçoado por Deus – impensável! Como poderia Ele, deste modo, ter descido do Céu e subir para o Céu, para onde estava antes?! (6,62).

Mas, se se pensava que Deus seria incapaz disso, sob perigo de se negar a Si próprio, era também porque estava em causa o que qualquer criatura humana mais deseja: libertar-se da situação, tantas vezes degradante e atormentada, de viver na carne; e evitar um fim de vida, tão doloroso e rebaixante como o da cruz. Isto é, o escândalo daqueles discípulos não era apenas teórico, mas tinha a ver com a sua conceção e prática de vida. Aceitar as palavras de Jesus significa dispor-se ao mesmo: a perder a vida – precisamente, o bem que mais apreciamos, por que mais lutamos.

O perigo era real, na altura em que foi escrito o Evangelho segundo S. João. Havia cristãos que, por causa da sua fé, tinham sido expulsos das sinagogas judaicas a que pertenciam. Outros terão sido mesmo martirizados, por pessoas que julgavam estar assim a prestar um serviço a Deus (16, 2). Não admira, por isso, que alguns vacilassem, na sua adesão de fé a Jesus e deixassem de andar com Ele, na comunhão da sua Igreja (6, 66).

É, em primeiro lugar, para esses e outros cristãos que, por essas ou outras razões, se escandalizam, isto é, tropeçam até perderem a fé – é para eles que Jesus lança o aviso: O Espírito é que dá vida; a carne não serve de nada: as palavras que vos disse são espírito e são vida” (6, 63). “Carne”, aqui, significa a natureza humana caduca e débil e, por isso, incapaz, só por si, de alcançar a vida plena. Confiar apenas nas próprias forças ou, neste caso, na falta de forças, não leva a nada. Ou como diz Jesus noutra parte: quem ama a sua vida, perde-a; e quem despreza a sua vida (por um maior bem), neste mundo, assegura para si a vida eterna (12, 25).

Foi o que Ele próprio fez, qual grão de trigo lançado à terra, para, morrendo, dar muito fruto (12, 24). Ao dar, assim, a sua carne, pela vida do mundo (6, 51), tornou-se fonte ou alimento de vida, para todos os que se deixam conquistar e transformar por este acto supremo de amor; que o mesmo é dizer, por Deus seu Pai, que amou tanto o mundo, que lhe deu o seu Filho Unigénito, a fim de que todo o que n'Ele crê não se perca, mas tenha a vida eterna (3, 16).

Destas e de outras palavras suas é que Jesus afirma serem espírito e vida. Isto é, participam da força espiritual ou vivificante de quem as diz, realizando ou tendo realizado o que nelas diz, e atualizando essa energia, sempre que elas são repetidas – principalmente num contexto celebrativo, como é sobretudo o da Eucaristia.

Que isso é verdade, é experimentado e confessado por Pedro, em nome dos Doze Apóstolos – e, conseqüentemente, de toda a Igreja, que deles recebe Jesus – com a exclamação de fé:

3. “Tu tens palavras de vida eterna”

São de vida eterna, por virem d'Aquele a quem Pedro, logo a seguir, chama Santo de Deus, isto é, participante, num grau inigualável, da santidade que só Deus tem. Foi Ele – o Verbo (ou Palavra) que no princípio do mundo já estava em Deus, porque era Deus, Ele que se fez carne e veio habitar entre nós e hoje está no seio do Pai – foi Ele quem O deu a conhecer (Jo 1, 1.14.18).

As suas palavras são de vida eterna, por nos abrirem o caminho para esse Deus, único no seu amor e na vida ilimitada que nos oferece – o caminho percorrido por seu Filho Unigénito. Eu sou o caminho, a verdade e a vida – diz-nos Ele, indicando-nos a meta: Ninguém vai ao Pai senão por mim (14, 6). Porque Ele o percorreu, também nos diz, como a Marta, a irmã de Lázaro, ainda morto: Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em mim, mesmo que tenha morrido, viverá. E todo aquele que vive e crê em mim não morrerá para sempre. Crês nisto? (11, 25).

Aos que n'Ele creem, promete e envia o mesmo Espírito que n'Ele atuou: Quando vier o Paráclito, o Espírito da Verdade, que procede do Pai, e que eu vos hei de enviar da parte do Pai, Ele dará testemunho em meu favor. E vós haveis de dar testemunho, porque estais comigo desde o princípio (15, 26-27).

E, de facto, assim aconteceu, logo na primeira aparição aos discípulos, depois de ressuscitado. Soprou sobre eles e disse-lhes: «Recebei o Espírito Santo. Àqueles a quem perdoardes os pecados, ficarão perdoados; àqueles a quem os retirardes, ficarão retidos» (20, 22-23).

Um dos testemunhos deste amor, que tem no perdão uma das maiores expressões, é-nos oferecido no Evangelho em que Jesus nos está a falar: o Evangelho proveniente do discípulo amado, como ele repetidamente se chama a si próprio, pela última vez em 21, 20; um livro escrito para crerdes que Jesus é o Messias, o Filho de Deus, e, crendo tendes a vida nele (20, 31).

Por tudo isso, sobretudo por ter sido redigido sob a ação do Espírito da Verdade, também as palavras em que está escrito são de vida eterna, se lidas e acolhidas na fé. Uma vida que se manifesta já na vida de quem assim as lê e nas palavras que dela fazem parte.

Talvez um dos exemplos mais palpáveis, para quem lê estas palavras, seja o da catequese – com a vida de catequistas e catequizandos a alimentar-se da Palavra escutada e a dar frutos no bem que realizam, pelo Dom da Palavra. Queira Deus!»

Guia do Catequista, pp. 153 - 156.

O Animador propõe aos pais a leitura meditada de Jo 6, 60-69, a fazer em casa, junto com os filhos, antes de realizarem as tarefas indicadas para o portefólio “Tens Palavras de Vida Eterna”, seguindo o percurso da Lectio Divina:

- 1. O que diz o texto bíblico em si?**
- 2. O que nos diz o texto bíblico a nós?**
- 3. O que dizemos nós ao Senhor, em resposta à sua Palavra?**
- 4. Que conversão da mente, do coração e da vida nos pede o Senhor?**

“Depois de o ouvirem, muitos dos seus discípulos disseram: «Que palavras insuportáveis! Quem pode entender isto?» Mas Jesus, sabendo no seu íntimo que os seus discípulos murmuravam a respeito disto, disse-lhes: «Isto escandaliza-vos? E se virdes o Filho do Homem subir para onde estava antes? É o Espírito quem dá a vida; a carne não serve de nada: as palavras que vos disse são espírito e são vida. Mas há alguns de vós que não creem.»

De facto, Jesus sabia, desde o princípio, quem eram os que não criam e também quem era aquele que o havia de entregar. E dizia: «Por isso é que Eu vos declarei que ninguém pode vir a mim, se isso não lhe for concedido pelo Pai.» A partir daí, muitos dos seus discípulos voltaram para trás e já não andavam com Ele. Então, Jesus disse aos Doze: «Também vós quereis ir embora?» Respondeu-lhe Simão Pedro: «A quem iremos nós, Senhor? Tu tens palavras de vida eterna! Por isso nós cremos e sabemos que Tu és o Santo de Deus.»

Disse-lhes Jesus: «Não vos escolhi Eu a vós, os Doze? Contudo, um de vós é um diabo.» Referia-se a Judas, filho de Simão Iscariotes, pois esse é que viria a entregá-lo, sendo embora um dos Doze.”

Oração final:

Invocação ao Espírito Santo - Cardeal Verdier

Ó Espírito Santo,
amor do Pai e do Filho,

inspirai-me sempre.

O que devo pensar.
O que devo dizer.
Como devo dizê-lo.
O que devo escrever.
Como devo agir.
O que devo fazer.
Para obter a Vossa glória,
O bem das almas.
E minha própria santificação.
Ó Jesus, toda a minha confiança
É em vós.
Ámem.

Nota: Convinha que os pais aprendessem o *cântico* «**Tu tens palavras de vida eterna**», no Guia do Catequista, pp. 575 a 578. Este cântico, estrofe a estrofe, vai percorrendo todo o itinerário do catecismo 4 e seria útil que os pais o fossem ensinando às crianças também catequese a catequese.

II. Encontro das crianças

«Os Apóstolos ensinam-nos a rezar»/«A quem iremos, Senhor?»

O(a) Catequista, depois de acolher as crianças e dialogar com elas sobre o *Diálogo em família*, faz uma catequese, sintetizando as catequeses 6 («Os Apóstolos ensinam-nos a rezar» e 7 «A quem iremos, Senhor?») seguindo o *Guia do Catequista*, da página 137 a 169.

Deve começar por recuperar cuidadosamente o que as crianças aprenderam com os pais sobre estas catequeses. Depois, a Palavra, é transmitida em clima de oração: o catequista lê **Lc 11, 5-13**, pedindo às crianças que recordem o essencial do seu conteúdo, e que pode ser registado num pedaço de papel de cenário de generosas dimensões, no topo do qual está escrito «A Palavra de Deus na minha Vida». De seguida, procede-se à leitura solenizada de **Jo 6, 60-69**, tal como proposto no Guia do Catequista.

A Expressão de Fé deve desenvolver-se com a presença e participação dos pais: começando com o registo das orações das crianças – também pode pedir-se às famílias que escrevam a oração da sua família – a oração do Espírito Santo e seguindo-se com o cântico «**Tu tens palavras de vida eterna**». Dê-se particular atenção aos compromissos propostos.

Na eucaristia, as conclusões das crianças sobre Lc 11, 5-13 pode ficar exposto num local onde a comunidade possa contemplá-lo e, no momento oportuno, pais e filhos poderão cantar o cântico aprendido.